

A EXPERIMENTAÇÃO COMO ELEMENTO INCLUSIVO: A BUSCA DE UM ESTADO MAIS CONSCIENTE

Geraldo Antônio da Rosa ¹
Carlos Roberto Sabbi ²

RESUMO

O objetivo dessa investigação, fez parte de uma pesquisa de tese de doutoramento, e foi o de identificar os elementos necessários para a constituição de um estado mais consciente, capaz de dar uma certa autonomia ao sujeito. Através da metodologia da hermenêutica reconstrutiva, buscou-se, em diversos autores, os elementos para avaliar seus fundamentos. Chegou-se à conclusão de que a experimentação é fundamental para a constituição dessa capacidade cognitiva, devido não somente ao conhecimento gerado, mas especialmente à sabedoria produzida. O poder transformador da experiência, proporciona uma visão mais abrangente, apresentando como que em uma imagem da sua conjuntura seus pontos fundamentais, os quais, por si só, constituem-se nos elementos agregadores para o desenvolvimento de uma condição que espelhe o que aqui se está denominando de estado mais consciente.

Palavras-chave: Autonomia; Consciência; Experimentação.

INTRODUÇÃO

A experiência é uma lanterna dependurada nas costas que apenas ilumina o caminho já percorrido.

Confúcio

¹ Doutor em Teologia e Pós-doutorado em Humanidades na Espanha. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado. Líder do grupo de pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação - GPFORMA SERRA(UCS). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Internacional, vinculado à Universidad Autónoma de Madrid PR-16 Formación del Profesorado, Innovación y Complejidad en Educación? (FORPROICE). Universidade de Caxias do Sul. garosa6@ucs.br

² Bacharel em Administração de Empresas (UCS). Especialista em Gestão de Pessoas (UCS). Especialista em Formação Holística de Base (UNIPAZ). Aperfeiçoamento em Consultoria Empresarial (UnB). Aperfeiçoamento em Gestão Pública (UFSC). Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutor em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Universidad Autónoma de Madrid (UAM). crsabbi@gmail.com

Trata-se de outro elemento identificado na tese de Sabbi (2020)³ como um dos elementos fundamentais para a formação cognitiva de modo a se aproximar de um estado mais consciente. Através de metodologia da hermenêutica reconstrutiva foi possível identificar, pelos mais diversos autores, o seu importante significado para a constituição de um sujeito emancipado. Como poderá ser visto, na sequência, os resultados são conclusivos exatamente nessa direção.

A experimentação quer se referir a uma das etapas do método científico em algumas investigações que, partindo de uma hipótese, expressa-se na análise e categorização de um fenômeno em circunstâncias monitoradas, mas também, nos frutos que a vivência proporciona no sentido de aprendizado.

Em outros termos, refere-se ao conhecimento tácito, que é adquirido por meio de experiências pessoais, enquanto o conhecimento empírico é construído a partir da observação.

Este trabalho é um excerto da pesquisa da tese de doutoramento de Sabbi (2020) e através da metodologia da hermenêutica reconstrutiva, tinha como objetivo identificar os elementos necessários para uma aproximação de um estado mais consciente. A experimentação, elemento aqui examinado e analisado, tendo sido investigada em diversos e importantes autores, chegou-se à conclusão que é mais um dos elementos imprescindíveis para uma composição de um estado mais consciente, satisfatoriamente capaz de dar uma autonomia do sujeito.

METODOLOGIA⁴

O método utilizado neste trabalho foi o da hermenêutica reconstrutiva, para aprofundar, em particular, os estudos que tratam da busca de um estado mais consciente, o qual compôs a investigação da tese de doutoramento deste mesmo autor. A propósito, sobre metodologia, Trevisan e Devechi citam que

(...) se, em Kant, os conhecimentos deviam passar pelo crivo da crítica da razão pura, para Habermas trata-se de buscar sua validação pelo exercício da crítica da razão prática, isto é, de uma razão comprometida com o exercício hermenêutico do diálogo, não como opção metodológica

³ Tese de doutoramento deste autor, a qual contou com o apoio da CAPES para a pesquisa no Brasil e na Espanha. Disponível em: < <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/5970>>. Acesso em 28 out. 2020.

⁴ Em virtude de o texto ser originário da mesma pesquisa – tese de doutoramento deste autor – a metodologia é a mesma constante de outro artigo apresentado ao CINTEDI com o título “A virtude como elemento inclusivo: a busca de um estado mais consciente”.



exclusivamente, ou seja, como mais um método posto à disposição dos educadores, mas como polo do entendimento possível. (TREVISAN; DEVECHI, 2011, p. 423).

Particularmente sobre a hermenêutica reconstrutiva Trevisan e Devechi trazem uma explicação pontual, invocando Habermas e Honneth:

A hermenêutica reconstrutiva busca ir além dos propósitos da hermenêutica tradicional, porque busca não só compreender, mas validar as ações linguísticas diante do mundo comum a todos. Ainda segundo Habermas (*idem*, p. 94), “compreender uma manifestação simbólica significa saber sob que condições sua pretensão de validade poderia ser aceita”. É nesse caminho que segue também a reflexão de Honneth, na medida em que tenta retomar as contribuições da teoria do reconhecimento, de Hegel, no contexto de predomínio do pensamento científico. (TREVISAN; DEVECHI, 2011, p. 154-155).

Assim, é possível observar e concluir, através das palavras dos autores, que a proposta de uma hermenêutica-reconstrutiva tem a intenção de ir além da hermenêutica tradicional, além de procurar o entendimento, apresenta

REFERENCIAL TEÓRICO

Enquanto os meios profissionais e científicos reconhecem a experimentação como um dos fatores importantes do processo de aprendizado, esses que são denominados tácitos⁵ possuem resultados consistentes, diferente do aprendizado chamado explícito⁶ que somente possui a teoria. As pessoas de uma forma geral os ignoram, deixando uma lacuna entre as competências existentes nos indivíduos, fator que também provoca diferenças, distanciamentos e desigualdades, como consequências.

⁵ O conhecimento tácito, também conhecido como conhecimento inconsciente, diz respeito ao conhecimento adquirido por meio das experiências e tentativas. A palavra “tácito” vem do latim, e significa “silencioso” ou “não expresso em palavras”. Trata-se, portanto, de um conhecimento mais subjetivo e que está relacionado às habilidades da pessoa. O conhecimento tácito é desenvolvido por meio da intuição, da observação e da prática. Por não ser um tipo de conhecimento fácil de ser formalizado e explicado, geralmente é retransmitido pelo convívio cotidiano e pelo contato com o conhecedor, sendo considerado o diferencial da pessoa. Faz parte do conhecimento tácito: a visão de mundo, os *insights*, a intuição, a consciência e os aprendizados associados às experiências de vida. Na maior parte das vezes, este conhecimento é tão interiorizado e enraizado que se torna um padrão de comportamento inconsciente (O QUE..., 2018).

⁶ A palavra “explícito” também vem do latim e significa “formal”, “explicado” e “declarado”. O conhecimento explícito é facilmente comunicado e entendido por meio de palavras, imagens, gráficos e metodologias. Este é um tipo de conhecimento baseado na racionalidade, é regrado, claro, teórico e pode ser aprendido por meio de textos, livros, apostilas e aulas.

A experimentação é bastante discutida nos tempos atuais dentro da bioética e uma apresentação do tema sob essa ótica é relatada por Caponi⁷, que argumenta:

De fato, podemos dizer que a bioética se estrutura como um espaço de saber autônomo e independente a partir do momento em que a sociedade se defronta com a existência de experimentações abusivas com seres humanos e com a necessidade de estabelecer limites claros entre o que pode e o que não pode ser admitido.⁸

Claro, Caponi está se referindo a um tipo específico de experimentação, porém faz parte do conjunto de situações que fazem jus ao tema e merece ser discutido e analisado. Aliás, essa questão de experimentação em seres humanos pode avançar à medida que possa evoluir o respeito aos demais seres vivos, dos quais já se admitem a presença do estado de senciência⁹ em alguns ou em muitos deles. Essa evolução, portanto, tende a atacar o que se pode atualmente definir como um forte corporativismo do ser humano em relação a qualquer outra forma de vida senciente. A questão não derivaria jamais para situações como a dos horrores praticados nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. A respeito dessa que pode ser uma tendência, a própria Caponi faz referência a Hans Jonas e sua obra *Reflexiones filosóficas sobre la experimentación con seres humanos*, que trata especificamente do assunto. Estudando essa obra, constatou-se que Jonas (1970) prevê que a experimentação com seres humanos está destinada a ocupar o lugar da experiência natural e que entre todas as formas de experimentação no ser humano. A médica, segundo o autor, seria a mais legítima; a psicológica, por sua vez, seria a mais dúbia; e a biológica, que ainda estaria por surgir, a mais perigosa. Jonas (1970) traz uma definição obtida na Conferência Daedalus, 1967, a qual ficou bem conhecida nos meios científicos, que sentenciou que ninguém tem o direito de escolher mártires em nome da ciência. Porém, Jonas acrescenta que nenhum cientista pode ser inibido de fazer de si mesmo um mártir pela sua ciência, em uma afronta a toda e qualquer proibição ou anulação do livre-arbítrio do cientista, em utilizar-se de seu corpo para experimentações. Ele destaca, ainda, a importância de salvaguardar a espontaneidade e o fato de que a liberdade deve ser a primeira condição a ser observada na experimentação médica.

Parece que se está numa situação em que a Pedagogia da experiência está na beira da falência, ou de alguma forma já totalmente sepultada. Não se percebe, tanto nos adultos, como

⁷ Sandra Caponi pertence ao departamento de saúde pública da Universidade Federal de Florianópolis.

⁸ CAPONI, 2004.

⁹ Trata-se da competência que determinado ser vivo possui de sentir sensações e sentimentos de modo lúcido, isto é, consciente. Nota nossa.

principalmente nos jovens, a preocupação de buscar informações sobre as experiências dos mais adultos. O mais irônico é que dificilmente alguém, quer seja jovem, quer seja adulto, não compreenda e não valorize, teoricamente, é claro, a experiência, embora não se utilize dela. Ou seja, pensa de uma maneira e age de uma forma completamente diferente de suas crenças. Na prática, parece ser mais fácil o jovem depreciar o adulto do que considerá-lo pela sua vivência.

Orbe, Pagni e Gelamo fazem uma preleção muito pertinente ao tema da experimentação:

A contemporaneidade, em primeiro lugar, estabelece um relacionamento intempestivo com o presente, isto é, um relacionamento distanciador e de estranhamento com o próprio tempo. E, em segundo lugar, nesta relação se identifica algo não muito correto, alguns elementos conFiguradores deles em comparação a de outro tempo, dos quais se sentem mais orgulhosos. Portanto, ser contemporâneo é aprender a olhar no momento atual para detectar as áreas de sombra do presente e que uma exposição excessiva à luz prejudicaria a sua percepção (Didi-Huberman, 2009). Com isso nos impomos uma tarefa: diagnosticar em nosso presente os elementos ou fatores que nos impedem de fazer uma experiência e de contemporaneidade.¹⁰ (ORBE; PAGNI; GELAMO, 2013, p. 91).

Os autores descrevem a realidade do que se vivencia, em que, até de uma certa forma, muito estranhamente, especialmente os mais jovens, orgulham-se do seu tempo em relação ao tempo dos adultos, mais ainda dos idosos, pelo fato de a contemporaneidade estabelecer um relacionamento intempestivo e distanciador provocador de um inexplicável desenlace, como se o atual tivesse um valor inestimável em relação ao passado. Aliás, isso vai além do próprio tempo em si, já que notadamente os idosos são alvos de preconceitos, como o de gênero, raça, etc., caracterizando-se em uma situação privilegiada de acúmulo de conhecimentos, desenvolvimento de habilidades como a da tolerância e outras tantas, e muito mais especialmente da experiência.

Ainda mais contundentes Orbe, Pagni e Gelamo (2013, p. 91-92) se fazem ao sentenciar, auxiliados por Benjamin, Adorno e Agamben, dizendo que:

Walter Benjamin (2000a) foi um dos primeiros filósofos a diagnosticar esse problema e suas consequências para a vida humana. Theodor Adorno (1992) parece ter radicalizado esse diagnóstico sobre o empobrecimento de experiência, embora, de acordo com Giorgio Agamben (2001), o projeto Benjamin caracteriza-se de forma mais próxima do que vivemos nos nossos dias. Agamben argumenta que não precisamos testemunhar qualquer catástrofe ou guerra para perceber a destruição da experiência em nossos dias. Finalmente, a vida diária do homem contemporâneo não contém quase nada que possa ser traduzido em termos de experiência: nem trabalho, nem notícias de jornais, nem viagens, nem o consumo, nem podemos adicionar à lista, a vida escolar.¹¹

¹⁰ Tradução nossa.

¹¹ Tradução nossa.

É importante salientar que essa exaustão da experiência se dá mais significativamente no senso comum, no cotidiano das pessoas, enquanto nos processos educativos ela muitas nem sequer foi ao menos relativamente elucidada. Porém, como já se discorreu, há uma diferença significativa entre conhecimento tácito, adquirido através de experiências pessoais, e o conhecimento explícito, construído por meio da observação, o qual é desenvolvido nos processos educativos. O cerne do problema está exatamente no conhecimento tácito, que, se aprofundado, poderá, de certa forma, identificar pontos negativos, como em qualquer outra questão da vida. Contudo, todos os pontos positivos da experiência, são tantos que não sobra espaço para alguém que queira defender um saldo negativo, desse que pode muito bem ser caracterizado como um dos conhecimentos mais valiosos que o ser humano pode produzir, sempre com um custo muito elevado, já que ele consome o tempo e a própria vida.

Por outro lado, dentro desse ângulo epistemológico do conhecimento tácito e do empírico, existe o aspecto de que a experiência pode entrar nos processos educativos, ou seja, o conhecimento empírico construído pelo conhecimento tácito. Sob essa lógica e indo além do plano epistemológico, partindo para se buscar respostas éticas e políticas ao problema do empobrecimento da experiência Orbe, Pagni e Gelamo (2013, p. 99) fazem a seguinte reflexão, também invocando Audi:

Uma "resposta ética", na medida em que o problema exige, por parte de os assuntos da ação pedagógica, uma disposição de abertura e uma atitude para enfrentar o que entra na experiência educacional como estranho e paradoxal, tão imprevisto e surpreendente (Audi, 2007); e uma "resposta política" na medida em que supõe uma relação do sujeito da educação com ela própria, com uma linguagem e com uma pragmática que organiza sua ação no mundo e que produz formas de subjetivação concordantes ou em oposição aos modos atuais de controle governamental e educacional. Ambas as respostas implicam um compromisso assunto de educação com um pensamento e fazendo-se ligado às continuidades e rupturas necessárias entre a experiência e suas línguas, vida e escola, o inefável e sua comunicação, inaugurando um olhar que confere certa dignidade para a profissão de ensino e que, antes de limitar-se a mera atividade técnico-profissional, assume uma forma de ser e de se expressar - de uma perspectiva estética, ética e existencial - no tempo presente.¹²

Sem dúvida, a citação dos autores representa o que deveria ser um compromisso da Educação, embora o ponto crucial da questão, do qual esta pesquisa deseja enfatizar, esteja mesmo na forma de cada um se comportar perante a experiência. Outrossim, há que se reconhecer que a amplitude do problema é maior, e a reflexão sobre uma resposta ética e política abordada por Orbe, Pagni e Gelamo se enquadram adequadamente ao todo, a partir do seu contexto atual e histórico.

¹² Tradução nossa.

Carrilho fazendo uma referência aos estudos de resiliência traz outro aspecto sobre aquelas pessoas que detêm uma força acima da média e sobre suas experiências estressantes:

Os estudos de resiliência parecem confirmar que as pessoas resistentes têm um forte senso de compromisso, um forte senso de controle sobre os eventos e que elas estão mais abertas a mudanças na vida, ao mesmo tempo em que tendem a interpretar experiências estressantes e dolorosas como parte da existência. (CARRILHO, 2015, p. 299).

É o caso daquelas pessoas que, detendo um potencial superior, ou ao menos acima da média, acabam sempre tendo vantagens em relação aos demais, não portadoras dessa qualidade, sob várias circunstâncias, onde até mesmo nas experiências estressantes conseguem absorvê-las e dessa forma podendo utilizá-las como elemento agregador, fruto de um dos melhores conhecimentos possíveis de se obter, que é exatamente pelo caminho da experiência. Sendo assim, pode-se concluir que quanto maior a experiência estressante e maior a capacidade de absorvê-la, maior será o aprendizado. São os fortes se tornando cada vez mais fortes, dentro de um processo que pode ser considerado natural pelas circunstâncias, mas ao mesmo tempo, é exatamente nesse ponto que reside um dos pontos-chaves a serem tratados de forma de se potencializar-se as pessoas, essas diferenças possam ser amenizadas.

Um outro aspecto é abordado por Carrilho (2015, p. 327) é o da moral atuando como fator anulador do aprendizado trazido pela experiência.

Víctor Borrego continua explicando as licenças que a psicologia assume, apropriando-se de fatos que considera imediatamente fatalistas, mas para os quais não oferece soluções reais. Ele se volta para as histórias antigas e destaca o fato de que sua moral é geralmente aplicada como um antídoto, impedindo assim qualquer aprendizado da experiência. De onde realmente deveria vir.

Interessante essa abordagem, até porque ela também abraça a racionalidade, conseqüentemente, mesmo atuando propositivamente, mas que, contudo, consome o que poderia ter se transformado em um novo aprendizado, decorrente da experiência vivenciada. Isso leva a outra conclusão, na direção de que nem sempre é possível aproveitar as vivências como conhecimento, já que o intrincado processo de cognição passa por processos de consciência e de inconsciência, onde nem sempre os caminhos naturais a que isso leva alcançam os melhores resultados possíveis, sob uma ótica de racionalidade ou imaginada pelo aspecto da idealização. V. Borrego (2011 apud CARRILHO, 2015, p. 327) traz outra observação complementar sobre esse ponto em particular: “A interpretação toma o lugar da experiência, impede sua assimilação natural e tende a encaixar as coisas dentro dos limites do que é tolerável. A psicologia não pode acabar se tornando uma espécie de justificação moral.”

Todos esses aspectos, levantados com a ajuda dos autores, corroboram para uma dedução no sentido de se valorizar ainda mais a experiência quando ela se torna aprendizado,

visto que nem sempre é possível absorvê-la como tal. Por outro lado, conduz a questão para uma nova indagação, no sentido de quanto seria possível uma educação para anexar e desenvolver um aprendizado mais amplo sobretudo quanto se vivencia? A pertinência da pergunta se fundamenta pela importância desse movimento, que é um contato epistêmico aberto às fontes cognitivas portadoras de informações. Pelo que se observa, não é difícil identificar que de todas as variáveis que levam à formação do conhecimento e da sabedoria, a experiência é, possivelmente, a mais eficaz. Seja dito de passagem, nos meios profissionais de todo o mercado, especialmente naqueles mais avançados, tudo isso tem uma valoração muito grande e é amplamente utilizada como instrumento ou ferramenta para diagnósticos para posterior tomada de decisões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há um certo consenso em torno do que seria a “morte” da experiência, ao menos na contemporaneidade. Não se trata de uma batalha entre a experiência e o novo, ou com qualquer outra situação. É a experiência sendo, na prática, incrivelmente desprezada, algo sem sentido para qualquer raciocínio que se possa construir e que se apresente alicerçado em algum fundamento dotado de razão ou de lógica. De fato, esse contexto é tão misterioso que mereceria um aprofundamento específico para se tentar descobrir as razões que levam as pessoas, de uma forma mais acentuada nos jovens, gerações pós-gerações, ao menos neste tempo atual, a exercer esse desprezo com a experiência. Talvez, e até mesmo, uma tese de doutorado que pudesse explorar, aprofundar e levantar as causas desse fenômeno comportamental ilógico e irracional.

Há uma outra forma de morte ou perda da experiência, a qual quem faz referência é Benjamin quando ele se reporta a um dos tantos lados dramáticos que a vida pode reservar para qualquer um.

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu numa das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho quanto parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. (BENJAMIN, 1996, p. 115).

O relato do autor dá conta do quanto um drama pode afetar, ao ponto de traumatizar e bloquear a experiência, especialmente particular, como um ato de defesa, anulando seus efeitos positivos. Aliás, parece que a natureza se encarrega de preservar a consciência, invariavelmente a cada tragédia que se sucede, apagando o momento do desastre. E isso é tão comum que

difícilmente alguém não conhece, saiba ou já ouviu relatos dessa perda de memória, associada a uma tragédia pessoal, a qual no futuro às vezes retorna ou não. Mesmo não sendo uma regra imperativa, mas dá a impressão de que quando ocorre os dois fatos simultaneamente – tragédia e perda da memória – a natureza o faz porque a vítima não suportaria a plena consciência. Claro, é só uma especulação, mas que segue uma linha dedutiva lógica dentre de tantas possibilidades.

Heidegger (1987) apresenta uma definição de experiência que sintetiza seu conceito de modo tão adequado, a qual não poderia deixar de aqui ser mencionada, de forma que a reflexão do seu significado, da sua importância, destarte o seu claro empobrecimento, possa agregar e respaldar através de fundamentação essa receptividade, essa abertura que merece ser absorvida, nesse momento em que esta investigação se aprofunda no tema:

(...) fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER, 1987, p. 143).

Os idosos detêm uma parcela maior de sabedoria e de que a sua gênese advém de processos decorrentes de autoconhecimento e da própria reflexão. Gonçalves traz outra menção sobre a mesma questão:

Kramer (1990) considera, igualmente, que os mais altos estádios de desenvolvimento do eu são um pré-requisito ao desenvolvimento da sabedoria. Só os sujeitos que alcançam estes estádios são capazes de “reflectir sobre as convenções sociais, aceitar as polaridades internas, e tomar decisões realistas que promovam tanto a individualidade como a responsabilidade social” (p. 306). Para Kramer, a sabedoria envolve a integração de aspectos cognitivos, afectivos e reflexivos, o que só é possível encontrar nos estádios mais elevados do desenvolvimento. (GONÇALVES, 2010, p. 72-73).

Sem dúvida, Gonçalves apresenta nesta sua última citação um aspecto em que a sabedoria, também vai além da experiência ao se referir a condição dos altos estádios de desenvolvimento como um elemento básico para o seu aperfeiçoamento.

Em Sabbi é dito que “o pensamento em essência não anima, apenas surge um poder animador quando houver um fim; o homem está em ação quando há uma união do desejo com a razão”. E complementa com uma sentença imperativa para a situação que se observa quanto ao aproveitamento ou não dos ensinamentos provenientes das vivências, ao dizer que: “A virtude de ambas, deve se direccionar à verdade.” (SABBI, 2014b, p. 30) O autor ainda tece uma

explicação no sentido de que “Esses são os arranjos pelos quais a alma detém a verdade: arte, conhecimento científico, sabedoria prática, sabedoria filosófica e a razão intuitiva.” (SABBI, 2014b, p. 31).

Não se pode omitir uma outra perspectiva que é ainda quanto ao aprendizado via atos de experimentos práticos, os quais levam ao conhecimento e também a sabedoria. Gonçalves apresenta um enunciado apropriado para esse contexto:

Os mecanismos de seleção, otimização e compensação possibilitam-nos, assim, compreender que os idosos exibam níveis elevados de desempenho altamente especializado. Os desempenhos sábios são apontados como exemplo destes mecanismos. Neste paradigma, a sabedoria tem sido apontada precisamente como um ganho da idade avançada, aparecendo como “determinada pelo curso das experiências e vivências, dos acontecimentos vitais que ocorrem à pessoa, as experiências mais significativas que viveu” (Alves, 2009, p. 108). A gênese da sabedoria é assim encarada como resultado das experiências de vida e resulta de aprofundados processos de autoconhecimento e de reflexão. (GONÇALVES, 2010, p. 62).

De toda citação, extrai-se duas relevâncias para o tema, ao apontar que os idosos detêm uma parcela maior de sabedoria e de que a sua gênese advém de processos decorrentes de autoconhecimento e da própria reflexão.

A sabedoria, é válido realçar, possui um estágio progressivo desde os *dados*, (elementos dispersos sem construção) passando pela *informação* (os dados sendo comunicados) que é refletida e processada, quando se chega ao *conhecimento* (informação processada, absorvida e entendida) no qual quando adquire-se o domínio, especialmente pela prática, será o momento em que se caracterizará como o nível mais avançado, conhecido por *sabedoria* (amplo domínio do conhecimento colocando-o em prática).¹³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poder transformador da experiência, proporciona uma visão mais abrangente, apresentando como que em uma imagem da sua conjuntura seus pontos fundamentais, os quais, por si só, constituem-se nos elementos agregadores para o desenvolvimento de uma condição que espelhe o que aqui se está denominando de estado mais consciente. É dessa forma, portanto, que a experimentação é um dos elementos basilares e alicerçador para a autonomia do sujeito, devido não somente ao conhecimento gerado, mas especialmente à sabedoria produzida.

¹³ AULA 01, 2013.

O conceito que se pode definir, visto seus mais diversos aspectos apresentados e analisados, é de que a experimentação é o mais consistente processo de aprendizado e de ampliação da criticidade, que se dá pela prática e que pode levar à sabedoria dotando a mente de potencialidades, as quais podem, através da imaginação e meditação desembocar em criatividades aprimoradas.

Desse modo, a conclusão mais proeminente é de que se trata de um dos elementos primordiais para a inclusão do sujeito nos processos mais importantes que a vida oferece.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Experiência e pobreza**. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Brasília. Brasiliense, 1996.

CAPONI, Sandra. A biopolítica da população e a experimentação com seres humanos. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 445-455, jun. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000200020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 mar. 2018.

CARRILHO, Carlos. **La crueldad creadora de Antonin Artaud y sus implicaciones para la formación de profesorado**. Tese. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2015.

GONÇALVES, Cidália Domingues. **Sabedoria e Educação** – Um estudo com adultos da Universidade Sénior. Dissertação. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **La esencia del habla**. In: De camino al habla. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987.

JONAS H. Reflexiones filosóficas sobre la experimentación con seres humanos. In: P Freund (org.). **Experimentación con sujetos humanos**. Fondo de Cultura Económica, México, 1970.

O QUE é conhecimento tácito e explícito? Qual o papel das emoções nesse processo? Disponível em: <http://www.sbie.com.br/blog/o-que-e-conhecimento-tacito-e-explicito-qual-o-papel-das-emocoes-nesse-processo/>. Acesso em: 9 mar. 2018.

ORBE, Fernando Bárcena; PAGNI, Pedro Angelo; GELAMO Rodrigo Pelloso. **Educación, experiencia y pedagogía biopolítica**. Por un diagnóstico de nuestro presente educacional. Revista Sul-Americana de Filosofía e Educação – RESAFE. Número 20: maio-outubro/2013.

SABBI, Carlos Roberto. **Pedagogia Radical e Inclusiva**: nas trilhas de elementos educativos para uma cidadania mais consciente. Tese. Madrid e Caxias do Sul: Universidad Autónoma de Madrid e Universidade de Caxias do Sul, 2020.

_____. **Processos educativos e a formação da virtude cidadã:** a educação e a virtude como veores do desenvolvimento do ser humano. Saarbrücken: Novas edições acadêmicas, 2014b.

TREVISAN, Amarildo; DEVECHI, Catia Piccolo Viero. Abordagens na formação de professores: uma reconstrução aproximativa do campo conceitual. **Rev. Bras. Educ.**, v.16, n. 47, p. 409-426, 2011.